

O programa UniversIDADE da Unicamp e a modalidade MOOC¹

Cássio Ricardo Fares Riedo²

Marta Fernandes Garcia³

Dirceu da Silva⁴

Resumo

UniversIDADE é um programa voltado para pessoas da meia idade e da terceira idade na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. O programa desenvolve atividades de extensão gratuita, vinculando a educação acadêmica à educação popular. Este artigo apresenta um estudo de caso com abordagem quali-quantitativa que busca caracterizar o público do curso “A internet como instrumento de aprendizagem participativa: Cursos abertos e massivos online (MOOC)” oferecido no programa. Além disso, também serão apresentadas algumas reflexões sobre a modalidade MOOC. O curso foi oferecido por 3 semestres, do início de 2015 a 2016, com carga horária de 10 horas e 12 vagas em cada semestre. Foram inscritos 28 participantes para as 36 vagas oferecidas, dos quais 14 participaram espontaneamente desta pesquisa, respondendo um questionário semiestruturado enviado por e-mail. Os resultados sobre o perfil do grupo revelam que: 1) os participantes aprenderam a usar os aparelhos informáticos por si só ou com o auxílio de alguém próximo a eles; 2) usam o computador e o celular, principalmente em casa, para manter contato com conhecidos e buscar novos conhecimentos; 3) não apresentam dificuldades para ligar o computador e usar o mouse, 4) encontram dificuldade média para organizar e fazer downloads de arquivos; e 5) muita dificuldade para usar programas multimídia. A principal motivação para inscrição no curso foi “adquirir novos conhecimentos”, seguida de “perda do medo de usar computadores”, “ampliação de conhecimento sobre cursos online” e “interação com outros participantes”.

Palavras-chave: MOOC. Terceira Idade. Internet. Educação aberta.

Abstract

The UniversIDADE is a program for the elderly, offered by University of Campinas, commonly called UNICAMP. The program develops free extension activities and tries to link academic education with popular education. This article presents a case study with a qualitative-quantitative approach that seeks to characterize the public of the course “The Internet as a participatory learning tool: Open and Massive Online Courses (MOOC)” offered in the program. Furthermore some reflections about the MOOC modality will be presented. The course was offered for 3 semesters, from the beginning of 2015 to 2016, with a workload of 10 hours and 12 available vacancies in each semester. Twenty-eight participants were enrolled for the 36 vacancies offered, of which 14 spontaneously participated in this research, answering a semi-structured questionnaire sent by e-mail. The results on the group’s profile reveal that: 1) the participants learned to use the computer equipment by themselves or with the help of someone close to them; 2) the computer and cell phone are used, mainly at home, to contact acquaintances and seek new knowledge; 3) they do not present difficulties to connect the computer and use mouse, 4) they find average difficulty to organize and download files; and 5) they have trouble using multimedia programs. The main motivation for enrollment in the course was “to acquire new knowledge”, followed by “loss of the fear of using computers”, “increase of knowledge about online courses” and “interaction with other participants”.

Keywords: MOOC. Elderly. Internet. Open education.

¹ Parte deste artigo foi apresentada no Simpósio Internacional de Educação a Distância e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância – SIED: ENPED 2016.

² Doutorando em Educação pela UNICAMP. Bolsista do CNPq. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior - GEPES -FE/UNICAMP. E-mail: <cfriedo@yahoo.com>.

³ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Cubatão. Doutoranda em Educação pela UNICAMP. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior - GEPES -FE/UNICAMP. E-mail: <martagarcia@ifsp.edu.br>.

⁴ Doutor em Educação pela USP. Professor da Faculdade de Educação da Unicamp. E-mail: <dirceuds@gmail.com>.

Introdução

UniversIDADE é um programa gratuito oferecido pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) para a população da terceira idade, isto é, para pessoas com mais de **50 anos**. O programa busca oferecer diversas atividades como: cinema, contação de histórias, alongamentos, vôlei adaptado, oficinas, práticas esportivas, cursos, palestras, oficinas de artesanato, hidroginástica, dança, aconselhamentos, orientações nutricionais, prevenção às doenças, atividades para o consumo consciente de água, inclusão digital, direitos humanos, cidadania, entre outras atividades.

O programa é estruturado em quatro áreas de atividade: 1) arte e cultura; 2) esporte e lazer; 3) saúde física e mental; e 4) sociocultural e geração de renda. A proposta é trazer o público da região metropolitana e região para dentro da universidade, além de envolver entidades de professores e sindicatos, criando mecanismos para que os idosos possam, além das atividades especificamente destinadas a eles, frequentar também disciplinas regulares de graduação e pós-graduação. A intenção é resgatar a experiência dessas pessoas para que a retransmitam para outras pessoas, contribuindo assim com o desenvolvimento da universidade, com atividades que vão além da obrigatoriedade do dia-a-dia. Além de tudo, ao buscar a integração entre o conhecimento acadêmico e a experiência popular, o programa pode ser considerado um marco educativo inédito na Unicamp, principalmente se considerado o público a atingir, tanto em relação à idade quanto à sua região geográfica (região metropolitana de Campinas).

O envelhecimento da população é uma questão muito importante em termos de políticas públicas pois é absolutamente necessário promover ideias e propostas que ajudem a ampliar o conhecimento sobre o tema. Além disso, é papel da universidade pública contribuir com as instituições e os governos na formulação de políticas adequadas aos problemas que o Brasil enfrenta, como, por exemplo, a situação atual enfrentada pelos idosos em relação ao adoecimento, à desestruturação familiar e econômica, ao abandono social e afetivo, e à violência contra o idoso. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (2010), atualmente a população de idosos representa pouco mais de 19 milhões de pessoas. Contudo, em 2050, o número de idosos no país deve superar os 63 milhões, tornando-se maior do que a população de adolescentes na faixa dos 14 anos. A expectativa de vida nos países desenvolvidos atingirá os 87,5 anos para os homens e 92,5 para as mulheres e 25% da população mundial terá mais de 60 anos. Desde o início dos anos 2000, dados sobre mortalidade da região metropolitana de Campinas mostram a ampliação da expectativa de vida na cidade para 70 anos em média e que, no ano 2000, quinze por cento das pessoas que morreram na cidade tinham entre 80 e 90 anos. Atualmente, a mortalidade nessa faixa etária alcançou valores por volta de vinte e cinco por cento, apresentando um aumento de dez por cento em relação ao ano 2000.

A imagem da velhice, de maneira generalizada, tem sido associada a aspectos negativos, tanto pela população de um modo geral, como pelos próprios idosos em particular. Segundo a Fundação Perseu Abramo (2006), as doenças, as debilidades físicas, o desânimo e a dependência física são os principais sinais de que a velhice chegou, numa tendência em estereotipar o envelhecimento como período somente de perdas.

Na medida em que a própria pessoa idosa introjeta e internaliza essa representação de velhice, ela mesma passa a reproduzir esse estereótipo nas suas relações tornando um círculo vicioso que se autoalimenta desta imagem que

é contrária a um movimento de vitalidade, inserção na atualidade e inclusão social. Portanto, é essencial considerar e destacar a face da velhice que não seja só associada a um tempo de aposentar-se, de doenças e de declínio de capacidades e potencialidades, pois dependerá do processo existencial de cada indivíduo, já que o envelhecimento é resultado de uma trajetória de vida (KACHAR, 2010, p.134).

Assim, acreditamos que, tanto as pessoas em geral quanto os próprios idosos, necessitam deixar de enxergar o envelhecimento como sendo sinônimo de invalidez e impotência. Não se pode mais considerar razoável que o idoso permaneça alheio ao corpo social ou até mesmo impossibilitado de participar ativamente do mesmo. Segundo Kachar (2001, p. 157) “o perfil do idoso do século XXI mudou, ele deixou de ser uma pessoa que vive de lembranças do passado, recolhido em seu aposento, para uma pessoa ativa, capaz de produzir, participante do consumo, que intervém nas mudanças sociais e políticas”. Assim, a realização de políticas públicas e estudos que contribuam para a melhoria na vida da terceira idade são válidos na medida em que valorizam a dignidade do idoso enquanto cidadão, fazendo com que ele se sinta como parte da sociedade.

O programa, diretamente subordinado ao gabinete do reitor, vincula a educação acadêmica à educação popular e valoriza a responsabilidade social, em prol da disseminação do conhecimento e do desenvolvimento humano em todas as fases da vida, proporcionando condições para a preparação do indivíduo em estágio pré-aposentadoria, aposentadoria e pós-aposentadoria, de modo a mantê-la ativa tanto física quanto mentalmente, atendendo as necessidades de prevenção, estimulação e capacitação do desenvolvimento físico e emocional através de atividades interdisciplinares que buscam fomentar diálogos relacionados à longevidade e à qualidade de vida, amparando-se legalmente no Estatuto do Idoso; na Lei nº 10.741, de 01/10/2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências; na Cartilha de Benefício do Idoso; no Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS; no Centro de Referência da Assistência Social – CRAS; e na Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS.

A organização do programa é integrativa e interdisciplinar, organizado em ciclos de três semestres, pretende criar condições de preparar o idoso, inclusive com trabalho de prevenção e resgate de conhecimentos e habilidades. O programa, com cursos oferecidos das 9h às 16h30, pretende atuar com atividades de integração, de modo que o indivíduo possa interagir sempre com o outro, possibilitando ao facilitador buscar meios para definir as necessidades, soluções e execução das ações para o desenvolvimento individual durante as atividades em equipes. Para se manter no programa o idoso deverá se inscrever em pelo menos um curso de cada uma das quatro áreas e terá que ter pelo menos 75% de presença. Os cursos, ou qualquer proposta de atividade a ser oferecida ao programa, em modalidade de voluntariado, são propostos por docentes, alunos, funcionários ou profissionais de várias áreas: biológica, social, cultural, psicológica, filosófica, econômica, médica, esportiva, de saúde etc.

Breve análise do regulamento do programa

O regulamento do programa, regido pela Resolução GR038/14 (TADEU, 2014)⁵, apresenta 13 artigos. O primeiro vincula o programa ao gabinete do reitor. O segundo institui que a participação serão feitas inicialmente para pessoas com vínculo direto com a Instituição e as vagas remanescentes serão abertas para o público externo. O terceiro afirma que é um curso gratuito e vincula a educação acadêmica à educação popular, voltado para pessoas da meia idade e da terceira idade, considerando o mínimo de cinquenta anos. O quarto institui o Coordenador Executivo e o Coordenador Associado, nomeados pelo Reitor. O quinto estrutura o curso em três semestres e define as quatro áreas temáticas: 1) Artes e Cultura, voltada para desenvolver a criatividade; 2) Esporte e Lazer, voltada para preservar a saúde física e emocional; 3) Saúde Física e Mental, voltada para a prevenção de doenças e estimular o raciocínio lógico; 4) Sócio Cultural e Geração de Renda, voltada para transmitir orientações e conhecimentos específicos.

No primeiro parágrafo é imposto que cada semestre será composto por pelo menos uma atividade de cada área temática e, no segundo que, cada oficina/palestra terá duração de um semestre e os alunos receberão certificado de conclusão. O sexto aponta que as oficinas/palestras serão oferecidas no período das 9h às 16h30 e terão de 45 minutos à uma hora de duração. O sétimo indica que unidades e órgãos, bem como professores, alunos e funcionários, poderão propor oficina/palestras, desde que respeitados os objetivos e o público-alvo do Programa. O oitavo atribui à Coordenação Executiva do Programa a análise das propostas quanto à pertinência e adequação. O nono orienta que os recursos materiais e humanos da própria Universidade, contando com o apoio de seus docentes, funcionários e alunos, ao proporcionar vivências em diversas áreas, terão a finalidade de aproximar o aluno do conhecimento acadêmico e da sociedade, criando canais de acesso à informação e integração entre a universidade e a comunidade. O primeiro parágrafo autoriza as unidades, com base em seus critérios, a validar as horas/aula para fins de atividades extracurricular e horas de estágio dos alunos de graduação, sempre sob o acompanhamento de um orientador. O segundo abre a possibilidade de atribuir bolsa auxílio para alunos da graduação que participarem de oficinas com vínculo direto à sua área de atuação acadêmica, desde que atuem durante todo o semestre. O décimo regula a participação de profissionais externos, na qualidade de voluntário, desde que seja de interesse da universidade e direcionados ao público-alvo em questão. O décimo primeiro indica que os monitores/professores das oficinas/palestras receberão certificados de participação. O décimo segundo abre a possibilidade e regulamenta os procedimentos para as unidades, que entenderem adequado e com base em seus critérios, oferecer vagas nas disciplinas regulares de graduação e pós-graduação. O último indica a entrada em vigor considerando a data de publicação no D.O.E. em 09/10/2014.

Percebe-se que é uma resolução bastante sintética e que concentra as decisões principalmente no Coordenador Executivo e no Coordenador Associado, subordinados ao reitor. São ressaltados recursos econômicos, considerando a gratuidade do programa em benefício dos usuários e, principalmente, a base de voluntariado para os proponentes dos cursos, com pouco suporte financeiro da universidade, exceto por regulamentar algumas possíveis bolsas de auxílio para alunos da graduação. Abre-se a possibilidade de acesso a cursos “formais” de graduação e pós-graduação, mas, justamente nessa parte (Art.12) aparecem a maior quantidade de parágrafos (3) para regulamentar o oferecimento de vagas, o que, apesar de um possível interesse dos participantes, impõe a necessidade de preencher requisitos e apresentar documentação específica.

⁵ A resolução pode ser consultada em: <http://www.programa-universidade.unicamp.br/sobre.php?s=RESOLUCAO_GR>.

O curso “A internet como instrumento de aprendizagem participativa: cursos abertos e massivos online (MOOC)”

Uma das oficinas que tem sido oferecidas no programa, desde o primeiro semestre de 2015, tem por título: “A internet como instrumento de aprendizagem participativa: Cursos abertos e massivos online (MOOC)”, chamada em sua primeira edição de “Cursos abertos e massivos online (MOOC): Modo de usar”, alterado para deixar mais clara sua proposta. A carga horária da oficina é de dez horas, divididas em quatro encontros semanais de duas horas e meia cada. Não se trata de um curso introdutório à informática e recomenda-se que os participantes saibam navegar na internet, organizar e fazer download e upload de arquivos e usar instrumentos de interação online (*chat*, fórum etc.).

O curso propõe apresentar, por meio de abordagem prática, a modalidade de Educação a Distância (EaD) conhecida como MOOC, do inglês, *Massive Open Online Course*, que pode ser traduzido por cursos abertos e massivos online. Uma das principais características desta modalidade é a forma diferenciada para aquisição e atualização de conhecimento a partir do interesse dos participantes. Atualmente, as principais universidades do mundo oferecem muitos cursos nessa modalidade. Aproveitando-se dos atuais avanços tecnológicos, a interação entre os participantes, principalmente por meio de fóruns de discussão e redes sociais, é usada para promover a aprendizagem colaborativa, onde a troca de informações favorece a socialização do conhecimento, evitando barreiras econômicas, geográficas ou de tempo, bastando para tanto uma conexão à internet.

De modo geral, MOOC pode ser compreendido como uma modalidade da EaD que utiliza as TIC e são disponibilizados online. Trata-se de um tipo de curso “aberto”, através da internet, que visa oferecer oportunidades de ampliar os conhecimentos para um grande número de alunos. Guàrdia, Maina e Sangrà (2013) apresentam um conjunto de princípios que devem estar presentes em MOOC, extraídos a partir da perspectiva dos estudantes, os quais foram adaptados para servirem de modelo de avaliação ao escolher um MOOC:

- *Abordagem baseada em competências* – a construção de competências deve se dar por meio de diferentes situações de aprendizagem e de contexto, isto é, pela busca de resolução de problemas, pela análise de casos e pela participação em projetos de trabalho. Desse modo, diante de uma orientação mais voltada às atividades do que aos conteúdos, as competências seriam melhor desenvolvidas e mais significativas do que apenas com métodos tradicionais baseados em leituras, escuta de vídeos e palestras e testes de verificação do aprendizado.
- *Centralização no estudante* – a abordagem pedagógica deve tornar o estudante mais ativo, capaz e comprometido. Este princípio também deve considerar a superação da inibição dos estudantes, encorajando-os a se expressarem. Também é importante o desenvolvimento dos processo de autorregulação da aprendizagem e da autoavaliação, considerando principalmente a interação e o apoio de seus pares.
- *Plano de aprendizagem e orientações claras* – é importante, mesmo antes do início do curso, a localização de um plano de estudo acompanhado de orientações sobre as atividades, que indiquem os pontos mais importantes do curso, suas atribuições, datas e prazos das tarefas, além dos critérios de avaliação. É preciso estar atento aos instrumentos de avaliação, evitando que se restrinjam a simples testes de múltipla escolha.

- *Aprendizagem colaborativa* - um ponto muito relevante é o uso das ferramentas de interação entre os participantes, as quais favorecem a integração no curso. Deve haver espaços motivadores e ricos de interação voltados à troca de informação e conhecimentos para e pelos estudantes.
- *Utilização de rede sociais* – os aspectos sociais são fundamentais para se estabelecer a cooperação e relações duráveis. Portanto, é preciso que existam espaços para a interação frequente entre os participantes e que as atitudes de compartilhamento e diálogo sejam fomentadas.
- *Assistência dos pares* – o suporte entre pares deve ser orientado e estimulado, de modo que os estudantes leiam as contribuições dos colegas, além de orientar sobre como apresentar da melhor maneira possível, sempre de forma educada e respeitosa, as suas opiniões e considerações para os demais colegas.
- *Critério de qualidade para a criação e geração de conhecimento* – contribuir para a promoção do pensamento crítico e mostrar como conteúdos originais devem ser valorizados e apreciados, oferecendo critérios de qualidade para o desenvolvimento e seleção de conteúdo, principalmente quando os critérios forem socialmente estabelecidos e compartilhados.
- *Grupos de interesse* – colaborar tanto para a motivação pessoal quanto dos colegas, de modo a evitar o abandono do curso, com contribuições voltadas para a aprofundamento de temas de interesse, além de tomar a iniciativa de formar subgrupos de discussão e troca de experiências.
- *Avaliação e feedback dos colegas* – sugerir o acompanhamento do próprio desenvolvimento pelo uso de portfólios, isto é, com a realização continuada de registros e anotações, além de incentivar o compartilhamento dos resultados da própria aprendizagens e suas reflexões sobre o processo pessoal de aprendizagem.
- *Ampliar a aprendizagem com a busca e uso de novas fontes, recursos, mídias e tecnologias* – deve-se estimular a busca e utilização de fontes e recursos alternativos que possam contribuir para a aprendizagem, indo além do material fornecido pelo curso, usando os mais variados tipos de **mídias**, de modo a favorecer que a atenção dos colegas seja capturada e compartilhada, de modo a produzir coletivamente e com qualidade as atividades propostas aos estudantes. Este princípio também inclui: fornecer orientações sobre como escolher as melhores mídias para cada situação, além de incentivar a exploração de novas ferramentas que suportem conteúdos mais interativos e ricos tanto em áudio como em vídeo ou outros formatos de mídia. E, sempre buscar discutir com os participantes sobre a adequação e validade de seus achados.

Os principais tópicos abordados no curso são: 1) um breve histórico da formação a distância; 2) os principais conceitos e características dos MOOCs, incluindo a diferenciação entre cursos online e MOOC; 3) a apresentação das principais plataformas que oferecem MOOC (VEDUCA, Coursera, EdX, MiriadaX, FutureLearn, Iversity etc.); 4) a discussão sobre o conhecimento esperado dos participantes e as principais atividades encontradas em cursos MOOC; 5) orientações sobre como obter informações sobre os cursos e como selecionar um deles; 6) um sobrevoo prático sobre as características de cursos selecionados, considerando a expectativa inicial de cada participante; 7) a participação efetiva num curso, focalizando avaliações e a certificação; 8) a reflexão coletiva sobre formação personalizada, a adequação e a potencialidade dos MOOCs.

A importância do oferecimento de um curso desta natureza é que, atualmente, não é possível abordar a inclusão social desvinculando-a da inclusão digital. Ambas estão estreitamente ligadas e a perspectiva é de que se coadunem cada vez mais. E, numa conjuntura de desconstrução de antigos estereótipos referentes aos idosos, tanto pelos avanços que as tecnologias proporcionam às pessoas quanto pelo fato do próprio idoso buscar hoje em dia uma vida mais operante dentro da sociedade, a aprendizagem ao longo de toda a vida é cada vez mais importante, até mesmo como forma de manter a mente sempre ativa. E, é justamente nesse sentido que a inclusão social atua, uma vez que ela:

É um processo a partir do qual uma pessoa ou grupo de pessoas passa a participar de usos e costumes de outro grupo e ter os mesmos direitos e deveres daqueles; a inclusão digital é vista como uma forma de inclusão social, porque por meio das tecnologias de informação e comunicação é possível a participação na sociedade através de outras vias de acesso e pelo desenvolvimento social, cognitivo e afetivo que podem promover nos sujeitos (PASQUALOTTI; PASSERINO, 2006a, p. 258).

A principal questão discutida é que, mesmo com todo avanço tecnológico, ainda existem pessoas que não sabem utilizar a multiplicidade de serviços oferecidos no mundo virtual, fazendo com que a preocupação com a inclusão digital de idosos seja cada vez maior. O processo de inclusão digital proporciona aos idosos a inclusão social na medida em que recupera sua autoestima, impulsionando-os ao exercício da cidadania e da interação social.

Esse novo universo de relações, comunicações e trânsito de informações pode se tornar mais um elemento de exclusão para o idoso, tirando-lhe a oportunidade de participar do presente, marginalizando-o e exilando-o no tempo da geração anterior, relegando à função social de memória, de passado. Para inserir-se na sociedade atual é preciso ter acesso à linguagem da Informática, dispondo dela para liberar-se do fardo de ser visto como um indivíduo ultrapassado e descontextualizado do mundo atual (PASQUALOTTI; PASSERINO, 2006b, p. 63).

Segundo Kachar (2010, p. 135), “a geração adulta e mais velha, de origem anterior à disseminação do universo digital e da internet, não consegue acolher e extrair tranquilamente os benefícios dessas evoluções na mesma presteza de assimilação dos jovens”. As pessoas na terceira idade necessitam de um tempo maior e seguem um ritmo mais lento para aprender a manipular e assimilar os mecanismos de funcionamento desses artefatos. Moro (2010, p. 47) afirma que “estes aparelhos nem sempre apresentam uma interface amigável ao universo e às características do idoso, considerando o tamanho e o tipo de fonte, o tamanho dos ícones, o contraste nas cores, assim como, o design de interação, onde este último necessitaria ser mais intuitivo”. Desta forma, acaba ocorrendo uma subutilização dos recursos mediados por computador pelo público mais velho, o qual sente muita dificuldade em utilizar artefatos como celulares, *tablets* e computadores.

Portanto, numa tentativa de minimizar os problemas levantados, o conteúdo do curso se encaixa e vai além das intenções propostas pelo programa, permitindo que se amplie o conhecimento sobre características e motivações dos participantes e mesmo da adequação da modalidade em programas de aprendizagem ao longo da vida.

Aspectos metodológicos

Cada edição do curso ofereceu 12 vagas. No primeiro semestre de 2015 (oficina identificada pelo número 37) seis inscrições foram obtidas. Já no segundo semestre de 2015 (oficina identificada pelo número 84), este número subiu para nove e onze inscrições foram realizadas no primeiro semestre de 2016 (oficina identificada pelo número 270). Em outras palavras, tivemos 36 vagas disponíveis e 26 inscrições no total. Para obter as informações desejadas dos participantes, foi elaborado um questionário com seis perguntas de múltipla-escolha e uma pergunta dissertativa.

As perguntas de múltipla-escolha apresentavam caráter quantitativo e qualitativo, pois era possível marcar mais de uma alternativa de forma a minimizar as limitações impostas por esse tipo de questionário. As respostas obtidas a partir da pergunta dissertativa foram categorizadas seguindo princípios de análise de conteúdo (BARDIN, 2004), para possibilitar que fosse traçado paralelos e comparações entre as mesmas.

O questionário, enviado aos 26 participantes, foi aplicado pela internet, através da plataforma *Google-Forms*, opção que trouxe maior acessibilidade e rapidez na compilação e na avaliação dos dados obtidos. Do total de alunos do curso, 14 responderam ao questionário, sendo 10 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, com idades entre 53 e 74 anos.

Análise dos dados

Considerando os dados do programa de maneira geral, percebe-se, a partir do número de identificação, que o número de oficinas/cursos vem aumentando, isto é, em relação aos semestres do programa, passou do 37 para 84 na segunda edição e pulou para 270 na terceira edição. Quanto ao número de participantes atendidos, houve aumento nas inscrições, passando de 50% na primeira edição para quase 100% na terceira edição.

Sobre o número de identificação atribuído aos participantes, o maior na primeira edição foi 316; 548 na segunda edição; e 726 na última, o que permite reconhecer um aumento constante em relação ao programa como um todo. Portanto, de modo geral, os mais de 726 alunos matriculados teriam como opção mais de 270 atividades disponíveis. Considerando os 26 participantes inscritos no referido curso abordado neste artigo, a idade média foi de 63,8 anos, com um desvio padrão de 7,3 anos, sendo 19 do sexo feminino e 9 do sexo masculino. A maioria (19) não tinha vínculo com a universidade e apenas três alunos não eram da região metropolitana. Com isso, considerando principalmente o vínculo com a universidade, pode-se concluir que o objetivo do programa de receber a sociedade na universidade parece estar sendo atingido, assim como o interesse da população parece estar em ascensão, sobretudo, quando analisamos a quantidade de inscritos em cada edição do curso, além da idade média, mesmo considerando o mínimo com o desvio padrão (56,5), ter ficado acima dos 50 anos. Relevante notar que a maioria interessada num curso voltada para a tecnologia e do sexo feminino.

Em relação aos questionários, as respostas obtidas ficaram um pouco superior à metade, isto é, 14 de 26. A primeira questão buscou identificar o modelo de equipamento mais utilizado e todos os participantes que responderam apontaram o uso de computador e celular. Nesta questão, nenhum indicou que não usa ou não tem nenhum equipamento. Talvez a explicação pela quantidade de respostas esteja relacionada com estes usuários que utilizam doméstica e cotidianamente computadores ou celulares, principalmente em casa (14), como também no trabalho (4), em casa de parentes (4) ou de amigos (3), o que pode ser identificado na segunda questão, revelando como a internet está disseminada em toda a população. Tais respostas também pode indicar a independência que esses idosos estão adquirindo, tanto no sentido de possuir, quanto no sentido de usufruir dos recursos tecnológicos, além da necessidade de ter acesso a informações e navegar em qualquer lugar.

Em relação à finalidade do uso dos aparatos tecnológicos, apresentada na terceira questão, todos indicaram a utilização para manter contato com familiares e amigos, 13 para buscar e atualizar conhecimentos, 6 para preencher o tempo livre e apenas 3 para conhecer pessoas novas. Disto, depreendemos que a comunicação por meios digitais parece ser mais eficiente diante de resposta quase sempre imediatas, num mundo cada vez mais conectado, onde estar “no meio digital” é sentir-se inserido na sociedade. Além disso, é também relevante a quantidade (13) que já recorre aos meios digitais para obter informações, ao invés de partir para meios de comunicação mais tradicionais, tais como os impressos ou a televisão.

A quarta questão, totalmente relacionada à anterior, buscou um detalhamento mais específico. Assim, 12 participantes indicaram que usam seus equipamentos principalmente para receber e enviar e-mails, 9 para se informar em sites de notícias, 8 para navegar pela internet, 8 para participar de redes sociais e 8 para atividades de lazer. Percebe-se o uso intenso dos aparelhos e, novamente, a importância da comunicação e da obtenção de informações.

Considerando o nível de conhecimento para atividades ainda mais específicas, apresentadas nas duas próximas questões, percebe-se que não há problemas por parte dos participantes com o ato de ligar ou desligar os equipamentos ou usar o mouse, pois foi indicado um conhecimento “muito bom” ou “bom” em 100% das respostas. No entanto, ainda não há um domínio total sobre o que fazer com os dados obtidos (por exemplo, para mover ou copiar arquivos ou pastas), tendo aparecido 25% de moderado e 12,5% de “fraco” ou “muito fraco”; e maiores dificuldades ainda em fazer *download* de arquivos ou usar programas de som, imagem ou multimídia, com menos da metade de “muito bom” ou “bom”, entre 10% e 20% de “moderado” e cerca de 40% de “fraco” ou “muito fraco”. O aprendizado desse conhecimento ocorreu principalmente com pessoas próximas - parentes, amigos ou colegas de trabalho (9), por conta própria (8), em cursos de treinamento gratuito (5) ou pago (2). Percebe-se o quanto o empenho e o interesse são motivadores para a aprendizagem “por conta própria (8)” e como é importante a gratuidade dos cursos, 5 gratuitos contra 2 pagos.

Foi possível categorizar, a partir da questão aberta, que o motivo principal para a procura do curso foi a “aquisição de novos conhecimentos” (11). Alguns poucos indicaram a intenção de “perder o receio de manusear o computador” (3), “ampliar o conhecimento sobre cursos online” (3) e “interagir com outras pessoas” (2). Considerando a principal categoria de respostas e a intenção de ampliar o conhecimento de cursos

online, praticamente todos se sentiram atraídos pelo título do curso, que propunha “A internet como instrumento de aprendizagem participativa”, o que também, em sua característica “participativa”, perpassa a intenção de “interagir com outras pessoas”, deixando um pouco de lado o “receio de manusear o computador”.

Considerações finais

Deve-se considerar que a população estudada é de idosos que se matricularam em um curso no qual, apesar de não obrigatório, é indicado que tenham conhecimento prévio sobre o uso de computadores, navegação na internet e *download* e *upload* de arquivos para o melhor aproveitamento do curso. O objetivo da indicação foi atingir participantes com interesses em ampliação de seu próprio conhecimento, ainda que não possuíssem o conhecimento adequado sobre como ou onde buscar esse tipo de informação. Portanto, a população escolhida, necessariamente, não deve ser representativa da população média de idosos do país, até mesmo porque não é toda a população idosa que tem acesso aos meios de divulgação das universidades públicas. Contudo, deve-se considerar que o programa tem conseguido ultrapassar os muros da universidade e atingir uma população que, de outro modo, não vivenciaria uma instituição de ensino superior pública e gratuita.

Além disso, destacamos que outros aspectos poderiam ser analisados a partir dos dados coletados, como, por exemplo, o aumento tanto na quantidade de sujeitos quanto em relação à qualidade e variedade das informações oferecidas pelo curso, principalmente diante de uma questão tão relevante como a questão da inclusão digital da população idosa. Portanto, ainda é preciso aprofundar o conhecimento sobre a adequação do uso das novas tecnologias de informação e comunicação, tanto de modo geral quanto numa segmentação por faixas etárias, assim como também sobre possíveis vantagens, vieses, causas e consequências para o mundo contemporâneo considerando o âmbito da EaD como também de sua modalidade MOOC.

Referências

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Edições 70, 2004.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO e SESC. **Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na 3ª Idade**. 2006. Disponível em <www.fpa.org.br/area/pesquisaidosos>. Acesso em: 03 de abril de 2016.

GUÀRDIA, Lourdes; MAINA, Marcelo; SANGRÀ, Albert. MOOC Design Principles. A Pedagogical Approach from the Learner’s Perspective. **eLearning Papers**. n. 33, 2013. Disponível em: <https://www.openeducationeuropa.eu/sites/default/files/legacy_files/asset/In-depth_33_4_0.pdf>. Acesso em: 23 de dezembro de 2014.

IBGE. **Idoso no mundo**. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/idoso/idoso_no_mundo.html>. Acesso em: 03 de abril de 2016.

JORGE, José Tadeu. Programa UniversIDADE. Resolução GR038/14. Campinas: UNICAMP. 2014. Disponível em <www.programa-universidade.unicamp.br/sobre.php?s=RESOLUCAO_GR>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

KACHAR, Vitória. **A Terceira Idade e o Computador: Interação e Produção no Ambiente Educacional Interdisciplinar.** São Paulo: PUC/SP, 2001. 206p.

_____. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. **Kairós Gerontologia**, v.13, n.2, p.137-47, 2010.

MORO, Gláucio Henrique Matsushita. **Uma nova interface para a inclusão digital na terceira idade.** São Paulo: PUC/SP, 2010, 102p.

PASQUALOTTI, Paulo Roberto; PASSERINO, Líliliana Maria. **A inclusão digital como prática social: Uma visão sócio-histórica da apropriação tecnológica em idosos.** Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006a, 260p.

_____. **Inclusão Digital da terceira Idade no Centro Universitário Feevale.** Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006b, 70p.